

CAIU O MINISTÉRIO!
Comédia original de costumes em três atos
por
FRANÇA JÚNIOR

PERSONAGENS

ATORES

Um vendedor de bilhetes de loteria

Primeiro vendedor de jornais

Segundo idem

Terceiro idem

Quarto idem

DR. RAUL MONTEIRO

Galvão

ERNESTO

Melo

GOULARTE

Peixoto

PEREIRA

Mesquita

DESEMBARGADOR ANASTÁCIO FLORINDO FRANCISCO COELHO

Montani

BÁRBARA COELHO, *sua mulher*

Clélia

MARIQUINHAS, *sua filha*

FELICIANINHA

Tereza

FILOMENA

Luvini

BEATRIZ

Fanny

FILIPE FLECHA

Colás

MR. JAMES

Bahia

CONSELHEIRO FELÍCIO DE BRITO, *presidente do Conselho*

Araújo

MINISTRO DA GUERRA

Peixoto

MINISTRO DO IMPÉRIO

Mesquita

MINISTRO DE ESTRANGEIROS

Reis

MINISTRO DA JUSTIÇA

Florindo

DR. MONTEIRINHO, *ministro da marinha*

Clairville

SENADOR FELIZARDO

Teixeira

PEREIRA

INÁCIO

ARRUDA

RIBEIRO

AZAMBUJA

ATO PRIMEIRO

O teatro representa parte da Rua do Ouvidor. Ao fundo a redação do Globo, a casa imediata, a confeitaria do Castelões e o armarinho vizinho. O interior destes estabelecimentos deve ser visto pelos espectadores. Ao subir o pano a escada que comunica o pavimento inferior do escritório do Globo com o superior deve estar ocupada por muitos meninos, vendedores de gazetas; algumas pessoas bem vestidas conversam junto ao balcão. Em casa do Castelões muita gente conversa e come. No armarinho grupos de moças, encostadas ao balcão, conversam e escolhem fazendas. Grande movimento na rua.

CENA I

Um vendedor de bilhetes de loteria, 1º, 2º, 3º e 4º VENDEDORES DE JORNAIS, DOUTOR RAUL MONTEIRO e ERNESTO

VENDEDOR DE BILHETES — Quem quer os duzentos contos? Os duzentos contos do Ipiranga!

1º VENDEDOR DE JORNAIS — A *Gazeta da Tarde*, trazendo a queda do ministério, a lista da loteria, também trazendo a crônica parlamentar.

2º VENDEDOR — A *Gazeta de Notícias*. Traz a carta do doutor Seabra.

3º VENDEDOR — A *Gazetinha*.

4º VENDEDOR — A *Espada de Dâmocles*, trazendo o grande escândalo da Câmara dos Deputados, a história do ministério, o movimento do porto, e também trazendo o assassinato da rua do Senado.

3º VENDEDOR — A *Gazetinha* e o *Cruzeiro*.

RAUL MONTEIRO (*Que deve estar parado à porta do Globo a ler os telegramas; voltando-se e vendo Ernesto, que sai do Castelões.*) — Oh! Ernesto, como vais?

ERNESTO — Bem. E tu?

RAUL — Então? Nada ainda?

ERNESTO — Ouvi dizer agora mesmo no Bernardo que foi chamado para organizar o ministério o Faria Soares.

RAUL — Ora! Ora! O Soares partiu ontem com a família para Teresópolis.

ERNESTO — É verdade; porém disseram-me que ontem mesmo recebeu o telegrama e que desce hoje. Aí vem o Goularte.

RAUL — Homem, o Goularte deve estar bem informado.

CENA II

OS MESMOS e GOULARTE

RAUL — Oh! Goularte, quem foi o chamado?

GOULARTE — O Silveira d'Assunção.

RAUL — O que estás dizendo?

GOULARTE — A pura verdade.

ERNESTO — Com os diabos! Por esta não esperava eu. Estou aqui, estou demitido.

RAUL — Mas isto é de fonte pura?

GOULARTE — E até já está organizado o ministério.

RAUL — Quem ficou na Fazenda?

GOULARTE — O Rocha.

RAUL — E na Justiça?

GOULARTE — O Brandão. Para a Guerra entrou o Felício; para a Agricultura o Barão de Botafogo...

ERNESTO — O barão de Botafogo?

GOULARTE — Sim, pois não o conheces! É o Ladislau Medeiros.

ERNESTO — Ah! já sei.

GOULARTE — Para Estrangeiros o visconde de Pedregulho; para a pasta do Império o Serzedelo...

RAUL — Misericórdia!
GOULARTE — E para a Marinha o Lucas Viriato.
RAUL — Lucas Viriato?! Quem é?
ERNESTO — Não o conheço.
GOULARTE — Eu também nunca o vi mais gordo, mas dizem que é um sujeito muito inteligente...

CENA III

OS MESMOS e COMENDADOR PEREIRA

PEREIRA — Bom dia, meu senhores. (*Aperta-lhes as mãos.*)
RAUL — Ora viva, senhor Comendador.
PEREIRA — Então, já sabem?
RAUL — Acabamos de saber agora mesmo. O presidente do Conselho é o Silveira d'Assunção.
PEREIRA — Não há tal, foi chamado, é verdade, mas não aceitou.
GOULARTE — Mas, senhor Comendador, eu sei...
PEREIRA — Também eu sei que o homem esteve cinco horas em São Cristóvão, e que de lá saiu à meia-noite, sem se haver decidido coisa alguma.
RAUL (*Vendo Anastácio entrar pela direita.*) — Ora aí está quem nos vai dar notícias frescas.
ERNESTO — Quem é?
RAUL — O conselheiro Anastácio, que ali vem. (*Seguem para a direita, e formam um grupo.*)
GOULARTE — Chama-o.

CENA IV

OS MESMOS, ANASTÁCIO e vendedores

VENDEDOR DE BILHETES (*Que juntamente com os outros tem passado pela rua, vendendo ao povo os objetos que apregoam durante as cenas anteriores.*) — Quem quer os duzentos contos do Ipiranga!
1º VENDEDOR — A *Gazeta da Tarde*, a 40 réis.
2º VENDEDOR — A *Gazeta de Notícias*.
3º VENDEDOR — A *Gazetinha*. Traz a queda do ministério. (*Saem os vendedores.*)
RAUL — Senhor conselheiro, satisfaça-nos a curiosidade. Quem é o homem que nos vai governar?
ANASTÁCIO — Pois ainda não sabem?
GOULARTE — São tantas as versões...
ANASTÁCIO — Pensei que estivessem mais adiantados. Ora ouçam lá. (*Tira um papelinho do bolso; todos preparam-se para ouvi-lo com atenção.*) Presidente do Conselho, Visconde da Pedra Funda; ministro do Império, André Gonzaga.
GOULARTE — Bem bom, bem bom.
ANASTÁCIO — Da Marinha, Bento Antônio de Campos.

RAUL — Não conheço.

ERNESTO — Nem eu.

GOULARTE — Nem eu.

PEREIRA — Nem eu.

ANASTÁCIO — Eu também não sei quem seja. Ouvi dizer que é um sujeito dos sertões de Minas.

RAUL — E por conseguinte muito entendido em coisas de mar.

ANASTÁCIO — Ministro da Fazenda, o barão do Bico do Papagaio.

RAUL — Para a Fazenda?!

ANASTÁCIO — Sim, senhor.

RAUL — Porém este homem nunca deu provas de si. É pouco conhecido... Nas circunstâncias em que se acha o país...

GOULARTE — Não diga isto, e aquele aparte que ele deu ao Ramiro... Lembra-se, senhor Conselheiro?

ANASTÁCIO — Não.

GOULARTE — Um aparte dado na questão do Xingu.

RAUL — Era melhor que o tivessem deixado à parte. Vamos adiante.

ANASTÁCIO — Ministro da Guerra, Antônio Horta.

ERNESTO — Magnífico!

RAUL — Qual magnífico.

ANASTÁCIO — Da Agricultura, João Cesário, e fica na pasta dos Estrangeiros o presidente do Conselho.

RAUL — Lá estão pondo um telegrama na porta do *Globo*. Vamos ver o que é. (*Dirigem-se à porta do Globo, ao redor da qual reúnem-se todos que estão em cena, e depois retiram-se. Ernesto entra no Globo.*)

CENA V

DONA BÁRBARA COELHO e MARIQUINHAS

DONA BÁRBARA (*Entrando com Mariquinhas pela esquerda.*) — Que maçada. Se eu soubesse que esta maldita rua estava hoje neste estado, não tinha saído de casa.

MARIQUINHAS — Pois olhe, mamãe; é assim que eu gosto da rua do Ouvidor.

DONA BÁRBARA — Tomara eu já que se organize o ministério só para assim ver se teu pai sossega. Encasquetou-se-lhe na cabeça que há de ser por força ministro.

MARIQUINHAS — E por que não, mamãe? Os outros são melhores do que ele?!

DONA BÁRBARA — E vive há três dias encerrado em casa, como um verdadeiro maluco. Por mais que lhe diga — seu Chico, vá para a câmara, contente-se em ser deputado, que não é pouco, e o homem a dar-lhe. Já quando caiu o outro ministério foi a mesma coisa. Passa o dia inteiro a passear de um lado para o outro; assim que ouve o ruído de um carro, ou o tropel de cavalos corre para a janela, espreita pelas frestas da veneziana, e começa a dizer-me todo trêmulo: — É agora, é agora, Barbinha, mandaram-me chamar. De cinco em cinco minutos pergunta ao criado: — Não há alguma carta para mim? Que aflição de homem, Santo Deus! Aquilo já é moléstia! Parece que se ele não sair ministro desta vez, arrebenta!

MARIQUINHAS — Faz papai muito bem. Se eu fosse homem também havia de querer governar.

DONA BÁRBARA — Pois eu se fosse homem acabava com câmaras, com governo, com liberais, conservadores e republicanos e reformava este país.

CENA VI

AS MESMAS e FELICIANINHA

MARIQUINHAS — Gentes, dona Felicianinha por aqui!

FELICIANINHA (*Com embrulhos.*) — É verdade. Como está, dona Bárbara? (*Aperta a mão de Bárbara e de Mariquinhas e beijam-se.*)

MARIQUINHAS — Como vai a Bibi? A Fifina está boa? Há muito tempo que não vejo a Cocota.

FELICIANINHA — Todos bons. Eu é que não tenho andado muito boa. Só a necessidade me faria sair hoje de casa.

DONA BÁRBARA — É o mesmo que me acontece.

FELICIANINHA — Fui ao *Palais-Royal* experimentar um vestido, fui depois ao dentista, entrei no Godinho para ver umas fitas para o vestido da Chiquinha...

MARIQUINHAS — Nós também estivemos no Godinho. Não viu lá a Filomena Brito com a filha?

FELICIANINHA — Vi, por sinal que tanto uma como a outra estavam caiadas que era um Deus nos acuda.

DONA BÁRBARA — Andam constantemente assim. E a sirigaita da filha a estropiar palavras em francês, inglês, alemão e italiano, para mostrar aos circunstantes que já esteve na Europa.

FELICIANINHA — Eu acho uma coisa tão ridícula! E o que quer dizer vestir-se a mãe igual à filha!

DONA BÁRBARA — É moda cá da sua terra. Andam as velhas por aí todas pintadas, frisadas, esticadas e arrebicadas, à espera dos rapazes pelas portas dos armarinhos e das confeitarias. Cruz, credo, Santa Bárbara! Só se benzendo a gente com a mão canhota. Olhe, lá em Minas nunca vi disto e estou com cinqüenta anos!

CENA VII

DONA BÁRBARA, MARIQUINHAS, FELICIANINHA, FILOMENA e BEATRIZ

MARIQUINHAS — Lá vem a Filomena com a filha.

DONA BÁRBARA — Olhem só que sirigaitas!

FILOMENA (*Saindo com Beatriz do armarinho do fundo.*) — Como está, dona Bárbara? (*Cumprimentam-se todas, beijando-se.*)

DONA BÁRBARA — Como está, minha amiga?

MARIQUINHAS (*Para Beatriz.*) — Sempre bonita e interessante.

DONA BÁRBARA (*Para Filomena.*) — E a senhora cada vez mais moça.

FILOMENA — São os seus olhos.

FELICIANINHA (*Para Beatriz.*) — Como tem passado?

BEATRIZ — Assim, assim. *Çá vá doucement*, ou como dizem os alemães: *so, so*.

DONA BÁRBARA (*Baixo a Mariquinhas.*) — Começa ela com a algaravia.

BEATRIZ — Não tive o prazer de vê-la no último baile do Cassino. Esteve *ravissant, esplendide*. O *high-life* do Rio de Janeiro estava representado em tudo quanto possui de mais *recherché*. O salão iluminado *a giorno*, e a *last fashion* exhibia os seus mais belos esplendores. *Prachtvoll, ausgezeichnet*, como dizem os alemães.

DONA BÁRBARA (*Baixo a Mariquinhas.*) — Olha só para aquilo. *Ausgetz...* Parece que tem um pedaço de cará fervendo na boca.

FILOMENA — A Beatriz causou sensação. Não leram a descrição da sua *toilette*?

DONA BÁRBARA — Ouvi dizer alguma coisa a respeito.

FILOMENA — Pois saiu em todos os jornais, no *Globo*, na *Gazetinha*, na *Gazeta da Tarde*, na *Gazeta de Notícias...*

BEATRIZ — O corpinho estava *come ci, come cá*. A saia é que estava *ravissant!* Era toda *bouilloné*, com fitas *veill'or* e inteiramente curta.

FELICIANINHA — Vestido curto para baile?

BEATRIZ — É a última moda.

MARIQUINHAS — Onde mandou fazê-lo?

FILOMENA — Veio da Europa.

BEATRIZ — E foi feito pelo Worth.

DONA BÁRBARA (*Baixo a Mariquinhas.*) — Com toda a certeza foi feito em casa, com aviamentos comprados em algum armarinho muito cangueiro.

FILOMENA — Mas não vale a pena mandar vir vestidos da Europa. Chegam por um dinheirão, e aqui não apreciam essas coisas.

BEATRIZ — O que aqui apreciam é muita fita, muitas cores espantadas... enfim, *tout ce qu'il y a de camelote*.

FELICIANINHA — Não é tanto assim.

BEATRIZ — Agora mesmo acabamos de encontrar com as filhas do Trancoso, vestidas de um modo...

FILOMENA — É verdade, vinham muito ridículas.

BEATRIZ — Escorridas, coitadas, que pareciam um chapéu de sol fechado. *Sapristi!*

FILOMENA — E onde é que foi a mulher do Seabra buscar aquele vestido branco todo cheio de fofinhos e crespinhos!

BEATRIZ — Parecia que estava vestida de tripas. *C'est incroyable*.

DONA BÁRBARA — Deixe estar que na Europa também se há de ver muita coisa ridícula. Não é só aqui que...

BEATRIZ — Disto lá nunca vi; pelo menos em Paris.

DONA BÁRBARA (*À parte.*) — Desfrutável! (*Para Mariquinhas, alto.*) Menina, vamos embora, que já é tarde.

MARIQUINHAS — Adeus, dona Beatriz.

BEATRIZ — *Addio. (Beijam-se todas reciprocamente.)*

FILOMENA (*Para dona Bárbara.*) — Apareça; sabe que sou, fui e serei sempre sua amiga.

DONA BÁRBARA — Da mesma forma. E se assim não fosse também dizia-lhe logo; eu cá sou muito franca.

FILOMENA — E por isso é que a estimo e considero. (*Saem dona Bárbara, Mariquinhas e Felicianinha.*)

CENA VIII

BEATRIZ e FILOMENA

BEATRIZ (*Vendo Mariquinhas.*) — Olhe só como vai aquele chapéu especado no alto da cabeça.

FILOMENA — E a mãe cada vez se veste pior. Não parece que já tem vindo ao Rio. Viste o doutor Raul?

BEATRIZ — Não senhora.

FILOMENA — É singular! Por que desapareceu ele lá de casa?

BEATRIZ — Não sei! Alguma intriga talvez. Sou tão infeliz...

FILOMENA — Pois olha, aquele era um excelente partido. Moço, talentoso.

BEATRIZ — *Tout a fait chique.*

FILOMENA — E *tout a fait*, (*Faz sinal de dinheiro.*) que é o principal.

BEATRIZ — Se papai fosse chamado agora para o ministério...

CENA IX

AS MESMAS, RAUL e GOULARTE

RAUL (*Entrando do fundo com Goularte e vendo Beatriz e Filomena.*) — Oh! diabo! lá está a mulher do conselheiro Brito com a filha... Se me descobrem estou perdido.

GOULARTE — Por quê?

RAUL — Por quê? Porque a filha namora-me, desgraçado, julga-me muito rico, e noutro dia no Cassino, caindo eu na asneira de dizer-lhe que era bela, encantadora, essas banalidades, tu sabes, que costumamos dizer às moças nos bailes, o diabinho da rapariga fêz-se vermelha, abaixou os olhos, e disse-me: — Senhor doutor Raul, por que não me pede a papai?

GOULARTE — Pois pede-lhe.

RAUL — Nessa não caio eu! É pobre como Jó, e mulher sem isto (*Sinal de dinheiro.*) está se ninando. Vamos embora. (*Saem.*)

CENA X

FILOMENA, BEATRIZ, MISTER JAMES e PEREIRA

FILOMENA — E Mister James? Não me disseste que ele também?...

BEATRIZ — Faz-me a corte, é verdade; porém aquilo é pássaro bisnau, e não cai assim no laço com duas razões.

FILOMENA — Dizem que é o inglês mais rico do Rio de Janeiro.

BEATRIZ — Isto sei eu.

MR. JAMES (*Saindo do **Castelões** com Pereira e vendo as duas.*) — *How? Mim não póde fica aqui; vai embora depressa, senhor comendador.*

PEREIRA — Por quê?

MR. JAMES — *Semana passada, mim estar na baile de Cassino, diz àquele menina, que ele estar bonita; menina estar estúpida, e diz a mim — How? Por que voucê não mi pede a papai?*

PEREIRA — Bravo! E por que não se casa com ela?

MR. JAMES — *Oh! no; mim não estar vem a Brasil pra casa. Mim vem aqui pra faz negócia. Menina não tem dinheiro, casamento estar mau negócia. No, no, no quer. Eu vai embora. (Sai para um lado, e Pereira para outro.)*

FILOMENA (*Tirando uma carteirinha do bolso.*) — Vejamos o que há ainda a fazer.

BEATRIZ — Vamos à *Notre-Dame* ver os colarinhos e ao *Boulevard* do Manuel Ribeiro.

FILOMENA — É verdade; vamos lá. (*Saem.*)

CENA XI

ERNESTO e FILIPE FLECHA

FILIPE (*Saindo do armarinho com uma caixa de papelão debaixo do braço, a Ernesto, que sai do Globo.*) — Senhor Ernesto, vê aquela mulher?

ERNESTO — Qual delas? Uma é a senhora do conselheiro Brito, a outra é a filha.

FILIPE — Aquela mulher é a minha desgraça.

ERNESTO — Quem?... A filha?

FILIPE — Ela sim! Por causa dela já não durmo, já não como, já não bebo. Vi-a pela primeira vez, há uma semana, no *Castelões*. Comia uma empada! Com que graça ela segurava a apetitosa iguaria entre o fura-bolo e o mata-piolho, assim, olhe. (*Imita.*) Vê-la e perder a cabeça foi obra de um momento.

ERNESTO — Mas, desventurado, não sabes?...

FILIPE — Já sei o que vai dizer-me. Que sou um simples caixeiro de armarinho e que não posso aspirar à mão daquele anjo. Mas dentro do peito deste caixeiro pulsa um coração de poeta. Não pode imaginar as torturas por que tenho passado desde o instante em que a vi... Vi-a pela primeira vez no *Castelões*...

ERNESTO — Comia uma empada. Já me disseste.

FILIPE — Mas o que ainda não lhe disse é que por causa dela tenho chuchado as maiores descomposturas dos patrões, e que em um belo dia ficarei na rua a tocar leques com bandurras. A sua imagem não me sai um só instante da cabeça. Estou no armarinho; se

me encomendam linha dou marcas de lamparinas; se gritam retrós preto trago sabonetes; a um velho que me pediu ontem suspensórios meti-lhe nas mãos uma bisnaga! O homem gritou, o patrão chamou-me de burro, os fregueses tomaram pagode comigo. Estou desmoralizado.

ERNESTO — Está bom, já sei.

FILIFE — Não pode saber, seu Ernesto.

ERNESTO — Olha, se o patrão te vê de lá a conversar aqui, estás arranjado.

FILIFE — Noutro dia à noite, quando os outros caixeiros dormiam, eu levantei-me, acendi a vela, e escrevi este soneto. (*Tira um papel do bolso e lê.*) Ouça só o princípio:

Quando te vejo radiante e bela,
Por entre rendas, filós e escumilha
Meu coração ardente se humilha,
E minha alma murmura: é ela!

ERNESTO — Magnífico! Está muito bom.

FILIFE — Mande-o para a *Gazetinha*. Pois querem saber o que fizeram? (*Tirando a Gazetinha do bolso e mostrando.*) Leia. É aqui na correspondência.

ERNESTO (*Lendo.*) — “Sr. F. F.”.

FILIFE — Filipe Flecha, sou eu.

ERNESTO (*Lendo.*) — “Os seus versos cheiram a metro e a balcão; o poeta, não passa talvez de um caixeiro de armarinho.” (*Rindo.*) É boa! É boa!

FILIFE — O maldito filó e a escumilha comprometeram-me. Não leio mais este papelucho. (*Sobe.*) Lá está ela parada à porta do Farani.

CENA XII

OS MESMOS, 1º VENDEDOR, 2º VENDEDOR, 3º IDEM, 4º IDEM (*Saindo do Globo.*)

1º VENDEDOR — O *Globo* da tarde a 40 réis.

2º VENDEDOR — O *Globo*, trazendo o ministério e a lista da loteria.

3º VENDEDOR — O *Globo*.

4º VENDEDOR — O *Globo* a 40 réis.

ERNESTO — Vejamos se já há alguma coisa de novo. (*Compra. Para Filipe.*) Não queres saber quem foi chamado para o ministério?

FILIFE — Que me importa o ministério? O meu ministério é ela! Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*. Ela comia...

ERNESTO — Uma empada, com os diabos, já sei; não me amoles. (*Sai.*)

CENA XIII

FILIFE e VENDEDOR DE BILHETES

VENDEDOR DE BILHETES — A sorte grande do Ipiranga!... Quem quer os duzentos contos!

FILIFE — Oh! Como te amo!

VENDEDOR (*Para Filipe.*) — Não quer os duzentos contos?

FILIFE — Deixa-me.

VENDEDOR — Fique com este número que é o último.

FILIFE — Não quero.

VENDEDOR — Eu tenho um palpite de que o senhor apanha a taluda.

FILIFE — Homem, vá-se embora.

VENDEDOR — Veja só o número.

FILIFE (*À parte.*) — Quem sabe se não está aqui a minha felicidade?!

VENDEDOR — Então, não se tenta?

FILIFE (*À parte, tirando dinheiro do bolso.*) — Lá se vão os últimos vinte e cinco mil réis, que me restam do ordenado deste mês. (*Alto.*) Tome. Não quero ver o número. (*Sai o vendedor.*) Lá seguiu ela para a Rua dos Ourives. (*Sai correndo.*)

CENA XIV

MISTER JAMES e RAUL

RAUL (*Saindo da direita e lendo o Globo.*) — “À hora em que entrou a nossa folha para o prelo, ainda não se sabia...” (*Continua a ler baixo.*)

MR. JAMES (*Que vem lendo também o Globo, entrando por outro lado.*) — “Os últimos telegramas da Europa anunciam... (*Continua a ler baixo, encontrando-se com Raul.*)

RAUL — Oh! Mister James! Como está?

MR. JAMES — *How, senhor Raul, como tem passada?*

RAUL — Então sabe já alguma coisa acerca do ministério?

MR. JAMES — *Não estar já bem informada. É difícil este crise. Neste país tem duas cousas que não estar bom; é criadas e ministéria. Criadas não quer pára em casa, e ministéria dura três, quatro meses, bumba! Vai em terra. Brasileira não pode suporta governo muite tempo. Quando ministra começa a faz alguma cousa, tudo grita — No presta, homem estar estúpida, homem estar tratanta...*

RAUL — Infelizmente é a pura verdade.

MR. JAMES — *Quando outra sobe diz mesma cousa, muda presidenta de província, subdelegada, inspetor de quarteirão, e país, em vez de anda, estar sempre parada.*

RAUL — A verdade nua e crua.

MR. JAMES — *Você escusa, se mim diz isto. Tudo quanto faz neste terra não é pra inglês ver?*

RAUL — Assim dizem.

MR. JAMES — *Pois então mim estar inglês, mim estar na direita de faz crítica do Brasil.*

RAUL — A maldita política é que tem sido sempre a nossa desgraça.

MR. JAMES — *Oh! Yes. Vem liberal, faz couse boe, vem conservador desmanche couse boe de liberal.*

RAUL — E vice-versa.

MR. JAMES — *Oh! Yes.*

RAUL — E os republicanos?

MR. JAMES — *How! Não fala em republicanas. Estar gente toda very good. Mas mim não gosta de republicana que faz barulha no meio da rua; governo dá emprega e republicana cala sua boca.*

RAUL — Mas no número destes que calam a boca com empregos não se compreendem os republicanos evolucionistas; aqueles que, como eu, querem o ideal dos governos sem sangue derramado, sem comoções sociais.

MR. JAMES — *Oh! Republicana evolucionista estar a primeira de todos republicanas. Espera de braço cruzado que república aparece; e enquanto república não aparece, republicana estar ministra, deputada, senador, conselheira, tuda. Republicana evolucionista estar partida que tem por partida tira partida de todas as partidas.*

RAUL — Não é nos partidos que está o nosso mal.

MR. JAMES — *Sua mal de voucês está no língua. Brasileira fala muito, faz discursa very beautiful, mas país não anda pra adiante com discursa.*

RAUL — Tem razão.

MR. JAMES — *País precisa de braços, de comércia, de indústria, de estradas de ferro...*

RAUL — É verdade, e a sua estrada para o Corcovado?

MR. JAMES — *Mim estar em ajuste com companhia. Mas quando pretende compra estrada e que tem promessa de governa pra privilégia, maldita governa cai, e mim deixa de ganha muita dinheira.*

RAUL — Mas pode obter o privilégio com esta gente.

MR. JAMES — *Oh! Yes! Para alcança privilégia em que ganha dinheira mim faz tudo, tudo.*

RAUL — Se eu pudesse alcançar também...

MR. JAMES — *Uma privilégia?*

RAUL — Não; contento-me com um emprego.

MR. JAMES — *Mas voucê estar republicana evolucionista, pode alcança. Estrada pra Corcovado vai felicita muito Rio de Janeiro.*

RAUL — Dizem que o seu sistema é diverso do da empresa atual?

MR. JAMES — *Oh! Yes!*

RAUL — Como pretende subir?

MR. JAMES — *É um segredo, que voucê depois há de sabe. Se mim não alcança privilégia estar perdida!*

RAUL — Por quê?

MR. JAMES — *Porque já tem empata muito dinheira, e agora é preciso ganha.*

RAUL — Só eu não acho também em que ganhar dinheiro.

MR. JAMES — *Voucê não estar rico?*

RAUL — Assim dizem; mas só eu sei as linhas com que me caso. No Rio de Janeiro quando um sujeito possui cinqüenta contos, dizem todos, tem trezentos!

CENA XV

OS MESMOS e FILIPE

FILIPE — Sumiu-se pela rua dos Ourives. Não pude mais vê-la. Não há remédio senão levar esta caixa ao seu destino.

CENA XVI

FILIPE, MISTER JAMES, RAUL, ERNESTO e GOULARTE

ERNESTO (*Correndo.*) — Até que afinal.
FILIPE e RAUL — O que é?
ERNESTO — Foi chamado...
GOULARTE — O Conselheiro Felício de Brito!
RAUL — O pai da Beatriz de Brito?
ERNESTO — Isso mesmo.
FILIPE — Magnífico! Magnífico! Magnífico!
MR. JAMES — *Conselheira de Brito, que estar pai de senhora Beatriz?*
ERNESTO — Yes.
MR. JAMES (*Sorrindo, à parte.*) — *How!*
FILIPE (*À parte.*) — O pai dela!
RAUL — Mas esta notícia é verdadeira?
ERNESTO — Está à porta de todos os jornais. Na *Gazetinha*, na *Gazeta de Notícias*...
GOULARTE — Na *Gazeta da Tarde*, no *Cruzeiro*... no *Jornal do Commercio*...
RAUL — Lá estão pregando um papel no *Globo* (*Reúnem-se todos junto ao Globo, menos Raul, Filipe e mister James, que ficam no proscênio.*)
RAUL (*À parte.*) — Beatriz julga-me rico, ofereço-lhe a mão, que aliás ela já pediu, e apanho um emprego.
MR. JAMES (*À parte.*) — *Filha de presidenta de conselha estar apaixonada por mim; mim com certeza apanha privilégia.*
FILIPE (*À parte.*) — Eu amo-a, adoro-a cada vez mais. Ah! que se eu apanho a sorte grande!!
RAUL — Está chovendo. (*Abre o guarda-chuva.*)
MR. JAMES — É verdade. (*Abre o guarda-chuva. Todos abrem guarda-chuvas, menos Filipe.*)
FILIPE (*À parte.*) — Lá vem ela!
RAUL (*À parte.*) — Ela!
MR. JAMES (*Vendo Beatriz.*) — *How! (Ao entrar em cena Beatriz, acompanhada de Filomena, Raul dá-lhe o braço e cobre-a com o chapéu, James dá o braço a Filomena e cobre-a.)*
RAUL — Dou-lhe os meus sinceros parabéns.
MR. JAMES — *Minhas felicitações.*
FILOMENA — Obrigada.
FILIPE (*Tomando os embrulhos de Filomena e Beatriz.*) — Façam o favor, minhas senhoras!
BEATRIZ — Não se incomode.
FILIPE (*À parte.*) — Que mão, Santo Deus! Estou aqui, estou-lhe em casa.

(*Fim do primeiro ato.*)

ATO SEGUNDO

Sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo e laterais.

CENA I

ERNESTO e FILIPE

ERNESTO (*Entrando, a Filipe, que deve estar tomando notas em uma pequena carteira.*) — Filipe?! Por aqui?!

FILIPE — E então?

ERNESTO — És também pretendente?

FILIPE — Não; sou repórter.

ERNESTO — Repórter?

FILIPE — É verdade. O amor ou é a minha perdição ou há de ser talvez a causa da minha felicidade. Venho aqui todos os dias, extasio-me diante daquelas formas divinas... Olhe, quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*, ela...

ERNESTO — Comia uma empada.

FILIPE — Ah! Já lhe disse?

ERNESTO — Milhares de vezes; já sei esta história de cor e salteado. Mas como diabo te fizeste repórter?

FILIPE — Desde o dia em que tive a felicidade de encontrar essa mulher na estrada sinuosa, espinhosa, lacrimosa da existência, tornei-me completamente outro homem. A atmosfera do armário pesava-me, o balcão acachapava-me, o metro desmoralizava-me, e a idéia de ter um patrão encafifava-me... Eu sentia dentro de mim um não sei quê que me dizia: — Filipe Flecha, tu não nasceste para vender agulhas, alfazema e lamparinas marca de pau, ergue a cabeça...

ERNESTO — E ergueste-a.

FILIPE — Não, abaixei-a para evitar um cascudo que o patrão pretendia dar-me em um belo dia em que estava a olhar para a rua, em vez de servir as freguesas, e não voltei mais à loja. Achando-me só, sem emprego, disse com os meus botões: — é preciso que eu faça alguma coisa. Escrever para o público, ver o meu nome em letra redonda, o senhor sabe, foi sempre a minha cachaça. Fiz-me repórter, nas horas vagas escrevo versos, e daqui para jornalista é um pulo.

ERNESTO — És mais feliz do que eu.

FILIPE — Por quê?

ERNESTO — Porque não pretendes sentar-te a uma grande mesa que há neste país, chamada do orçamento, e onde, com bem raras exceções, todos têm o seu talher. Nesta mesa uns banqueteiavam-se, outros comem, outros apenas lambiscam. E é para lambiscar um bocadinho, que venho procurar o ministro.

FILIPE — Ele não deve tardar.

ERNESTO — Fui classificado em primeiro lugar no último concurso da secretaria.

FILIPE — Então está com certeza nomeado.

ERNESTO — Se a isso não se opuser um senhor de barão e cutelo, chamado empenho, que tudo ata e desata nesta terra, e a quem até os mais poderosos curvam a cabeça.

FILIPE — Aí vem o ministro.

CENA II

OS MESMOS, CONSELHEIRO FELÍCIO DE BRITO

ERNESTO (*Cumprimentando.*) — Às ordens de Sua Excelência.

FILIFE (*Cumprimentando.*) — Excelentíssimo.

BRITO — O que desejam?

ERNESTO — Vinha trazer esta carta para Sua Excelência e implorar-lhe a sua valiosa proteção.

BRITO (*Depois de ler a carta.*) — Sim, senhor. Diga ao senhor senador que hei de fazer todo o possível por servi-lo. Vá descansado.

ERNESTO — Eu tenho a observar a Sua Excelência...

BRITO — Já sei, já sei.

ERNESTO — Que fui classificado em primeiro lugar.

BRITO — Já sei, já sei. Vá. (*Ernesto cumprimenta e sai. A Filipe, que deve estar a fazer muitos cumprimentos.*) O que quer? Ah! É o senhor?

FILIFE — Humilíssimo servo de Sua Excelência. Desejava saber se já há alguma coisa de definitivo.

BRITO — Pode dizer na sua folha que hoje mesmo deve ficar preenchida a pasta da Marinha; que o governo tem lutado com dificuldades... Não, não diga isto.

FILIFE — E essas dificuldades devem ter sido bem grandes; porque há quinze dias que o ministério está organizado, e ainda não se pôde achar um ministro para a Marinha.

BRITO — O verdadeiro é não dizer nada. Venha cá logo, e comunicar-lhe-ei então tudo o que houver ocorrido.

FILIFE (*À parte.*) — Onde estará ela?

BRITO — Vá, vá, venha logo.

FILIFE (*À parte.*) — Se eu pudesse vê-la. (*Alto.*) Excelentíssimo. (*Cumprimenta e sai.*)

CENA III

BRITO, FILOMENA e BEATRIZ

BRITO (*Toca a campainha; aparece um criado.*) — Não deixe ninguém entrar nesta sala. (*O criado inclina-se.*)

FILOMENA (*Que entra com Beatriz, pela esquerda.*) — E as minhas visitas?

BEATRIZ — E as minhas, papai? *Voyons. Ça ne se fait pas.*

BRITO — Porém, minha querida Beatriz, espero aqui os meus colegas, temos que tratar de negócios do Estado, que são negócios muito sério.

BEATRIZ — *Ça ne fait rien.*

FILOMENA — Ao menos dê ordem para que deixem entrar mr. James.

BEATRIZ — E o Senhor Raul também.

BRITO — Valha-me Deus! Vocês alcançam de mim tudo o que querem. (*Para o criado.*) Quando o senhor James e o senhor Raul chegarem, manda-os entrar. (*O criado cumprimenta e sai.*) Estão satisfeitas?

BEATRIZ — *I love you*, meu querido papai.

FILOMENA (*Reparando a sala.*) — E então? A sala já não parece a mesma!

BEATRIZ — E as cortinas estão *assorti* com a mobília, mas este tapete é um escarro.

FILOMENA — É verdade. Felício, precisamos comprar um tapete. Vi ontem um muito bonito no *Costrejean*.

BRITO — Não compro mais coisa alguma, minha senhora. A senhora pensa porventura que eu aceitei esta prebenda para ainda em cima arruinar-me?

FILOMENA — Quando se está em certa posição, não se deve fazer figura ridícula.

BEATRIZ — *Noblesse oblige*, papai.

FILOMENA — Não sei o que quer dizer ser ministro e andar de bonde como os outros, ter uma casa modestamente mobiliada, como os outros, não receber, não dar bailes, não dar jantares, como os outros, vestir-se como os outros.

BEATRIZ — É verdade. *C'est ridicule*.

BRITO — Mas, minhas filhas, não há ninguém por aí que não saiba que tenho poucos recursos, que vivo apenas dos meus ordenados. A vida de um homem de Estado é devassada e esmerilhada por todos, desde os mais ínfimos até os mais elevados representantes da escala social. O que dirão se me virem amanhã ostentando um luxo incompatível com os meus haveres?

FILOMENA — Se a gente for dar satisfações a tudo o que dizem...

BRITO — E olha que aqui não se cochila para dizer que um ministro é ladrão. O que mais querem vocês de mim? Já obrigaram-me a alugar esta casa em Botafogo...

FILOMENA — Devíamos ficar morando em Catumbi?

BRITO — E o que tem Catumbi?

BEATRIZ — Ora papai.

BRITO — Sim, o que tem?

BEATRIZ — Não é um bairro como *il faut*.

BRITO — Obrigaram-me a assinar o Teatro Lírico e... camarote.

FILOMENA — Está visto. Havia de ser interessante ver a família do presidente do Conselho sentada nas cadeiras.

BEATRIZ — Como qualquer sinhá Ritinha da Prainha ou da Gamboa... *Dieu m'en garde!* Eu preferiria lá não ir.

BRITO — Obrigaram-me mais a ter criados estrangeiros de casaca e gravata branca, quando eu podia perfeitamente arranjar a festa com o Paulo, o Zebedeu e a Maria Angélica.

BEATRIZ — Pois não, são frescos, sobretudo o Zebedeu. No outro dia, à mesa de jantar, mamãe disse-lhe: — Vá buscar lá dentro uma garrafa de vinho do Porto, mas tome cuidado, não a sacuda. Quando chegou com a garrafa, mamãe perguntou-lhe: — Sacudiu? — Não senhora, diz ele, mas vou sacudir agora. E começa, zás, zás, zás. (*Faz menção de quem sacode.*) *Quelle imbecile*. Aquilo é que os alemães chamam — *in Schafskopf!*

BRITO — Até a minha roupa vocês querem reformar.

FILOMENA — Com franqueza, Felício, a tua sobrecasaca já estava muito sebosa!

BEATRIZ — Papai quer fazer a mesma figura que faz o ministro do Império?

BRITO — É um homem muito inteligente. Tem um grande tino administrativo.

BEATRIZ — Tem, sim, senhor; mas era melhor que ele tivesse um paletó na razão direta da inteligência. E depois, como come, Santo Deus! Segura na faca assim, olhe, (*Mostra.*) e mete-a na boca até o cabo, toda atulhada de comida. *Choking*.

BRITO — Em compensação o ministro de Estrangeiros...

BEATRIZ — É o melhorzinho deles. Mas não sabe línguas.

BRITO — Estás enganada, fala muito bem francês.

BEATRIZ — Muito bem, muito bem, lá para que digamos não senhor. Diz *monsieur*, *negligè*, *bordó*, e outras que tais.

BRITO — Enfim há quinze dias apenas que subi ao poder e já estou cheio de dívidas!

FILOMENA — Não é tanto assim.

BRITO — Só ao compadre Bastos devo dez contos de réis.

FILOMENA — E se não fosse ele, estaríamos representando um papel bem triste.

BEATRIZ — Não poderíamos receber às quintas-feiras o *high life* do Rio de Janeiro.

BRITO — Sim, esse *high life* que aqui vem dançar o *cotillon*, ouvir boa música, saborear-me os vinhos; e que abandonar-me-á com a mesma facilidade com que hoje me adula, no dia em que eu não puder mais dispor dos empregos públicos.

BEATRIZ — Papai não tem razão.

BRITO — Pois bem, minha filha, quer tenha ou não razão, só te peço uma coisa, e faço igual pedido à tua mãe. Não exijam de mim impossíveis. Vocês sabem que nada lhes posso negar. (*Tirando o relógio e vendo as horas.*) Os meus companheiros não tardam. Vou ao meu gabinete; já volto.

CENA IV

FILOMENA, BEATRIZ e MISTER JAMES

BEATRIZ (*Sentando-se e lendo um livro, que deve trazer na mão.*) — É muito bem escrito este romance de Manzoni.

FILOMENA — Um tapete novo aqui deve fazer um vistão. Não achas?

MR. JAMES (*Com um rolo debaixo do braço.*) — *Mim pode entra?*

FILOMENA — Oh! Mr. James!

MR. JAMES — *Como está, senhora? (Para Beatriz.) Vosmecê vai bem?*

FILOMENA — Pensei que não viesse.

MR. JAMES — *Oh! mim dá palavra que vem; mim não falta sua palavra.*

BEATRIZ — Assim deve ser.

FILOMENA — Trouxe os seus papéis?

MR. JAMES — *Oh! Yes.*

BEATRIZ — O seu projeto é a *great attraction* do dia.

MR. JAMES — *Projeto estar muita grandiosa. (Desenrola o papel e mostra.) Carros sai daqui de Cosme Velha, e sobe Corcovada em vinte minutos.*

BEATRIZ — E estes cachorros que estão aqui pintados?

MR. JAMES — *Senhoras não entende deste cousa: mim fala com pai de vosmecê, explica o que é todos esses cachorras.*

FILOMENA — Tudo quanto temos de bom devemos aos senhores estrangeiros.

BEATRIZ — *C'est vrai.* Os brasileiros, com raras exceções, não se ocupam destas coisas.

MR. JAMES — *Brasileira estar muito inteligente; mas estar também muito preguiça. Passa vida no Rua do Ouvidor a fala de política, pensa só de política de manhã até a noite. Brasileira quer estar deputada, juiz de paz, vereador... Vereador ganha dinheira?*

FILOMENA — Não, senhor; é um cargo gratuito.

MR. JAMES — *Então mim não sabe como tudo quer ser vereador. Senhora já fala com sua marida a respeita de minha projeta?*

FILOMENA — Não, senhor, mas hei de falar-lhe.
MR. JAMES — *Sua marida estar engenheira ou agricultor?*
BEATRIZ — Papai é doutor em Direito.
MR. JAMES — *E ministra de Império?*
BEATRIZ — Também doutor em Direito.
MR. JAMES — *Ministra d'Estrangeiras?*
FILOMENA — Doutor em Direito.
MR. JAMES — *How! Toda ministéria estar doutor em direita?*
BEATRIZ — Sim, senhor.
MR. JAMES — *Na escola de doutor em direita estuda marinha, aprende planta batatas e café, e sabe todas essas cousas de guerra?*
FILOMENA — Não, senhor.
BEATRIZ — Estudam-se leis.
MR. JAMES — *No Brasil estar tudo doutor em direita. País no indireita assim. Mim não sabe se estar incomodando senhora. (Sentam-se.)*
BEATRIZ — Oh! o senhor nunca nos incomoda, dá-nos sempre muito prazer.
MR. JAMES — *Pois mim tem também muito prazer em conversa com vosmecê; (Para Beatriz) pois eu gosta muito de brasileiras.*
BEATRIZ — Mas as inglesas são *very beautiful*. Eu vi em Londres, no *Hyde-Park*, verdadeiras formosuras.
MR. JAMES — *Oh! yes. Inglesas estar muito bonitas, mas brasileira tem mais... tem mais... Como chama este palavra... Eu tem no ponta da língua... brasileira tem mais pasquim.*
FILOMENA — Pasquim?!
MR. JAMES — *No, no, como chama este graça de brasileira?*
BEATRIZ — Ah! quindins.
MR. JAMES — *Oh! yes, very well. Quindins.*
FILOMENA — Muito bem, mr. James. Falta agora que o senhor confirme o que acaba de dizer casando-se com uma brasileira.
MR. JAMES — *Mim no pode casa, por ora, porque só tem cinqüenta mil libras sterlinas; mas se mim arranja este privilégia, dá palavra que fica em Brasil e casa com brasileira.*
FILOMENA — Pelo que vejo já está enfeitado pelos quindins de alguma?
MR. JAMES — *Não duvida, senhora, e crê que feitiça não estar muito longe daqui. (Olha significativamente para Beatriz.)*
BEATRIZ — *(À parte.)* — Isto já eu sabia.
FILOMENA *(À parte.)* — É a sorte grande!

CENA V

OS MESMOS e BRITO

BRITO *(Vendo o relógio.)* — Ainda nada. Oh! Mister James. Como está?
MR. JAMES — *Criada de Sua Excelência. (Conversa com Beatriz.)*
FILOMENA *(Levando Brito para um lado.)* — Este inglês possui uma fortuna de mais de quinhentos contos, parece gostar de Beatriz... Se nós soubermos levá-lo, poderemos fazer a felicidade da menina.

BRITO — E o que queres que faça?

FILOMENA — Que lhe concedas o privilégio que ele pede.

BRITO — Mas, senhora, estas questões não dependem só de mim. Eu não quero comprometer-me.

FILOMENA — Então para que te serve ser presidente do Conselho?

BRITO — Mas eu não posso nem devo dispor das coisas do Estado para arranjos de família. A senhora já me endividou e quer agora desacreditar-me.

FILOMENA — Pois isto há de se fazer. Mr. James, meu marido quer conversar com o senhor a respeito do seu negócio.

BRITO — Estarei às suas ordens, senhor James; porém um pouco mais tarde. Espero os meus colegas.

MR. JAMES — *A que horas mim pode procura Sua Excelência?*

BRITO — Às duas horas.

MR. JAMES — Até logo. *(Cumprimenta e sai.)*

CENA VI

OS MESMOS, *menos* MISTER JAMES

BRITO — A senhora ainda há de comprometer-me. *(Sai.)*

FILOMENA — Dizem todos que é um projeto grandioso.

BEATRIZ — Vou acabar a leitura deste romance.

FILOMENA — Eu vou dar as ordens para a partida desta noite.

CENA VII

DONA BÁRBARA, CRIADO *e o* DESEMBARGADOR FRANCISCO COELHO

CRIADO — Sua Excelência não está em casa.

COELHO — Quero falar com as senhoras. Aqui tem o meu cartão. *(Criado cumprimenta e sai.)*

DONA BÁRBARA — Está em casa com toda a certeza; mas negou-se.

COELHO — Isto sei eu; e por isso é que entrei.

DONA BÁRBARA — Eu não devia vir. Estas sirigaitas aborrecem-me extraordinariamente.

COELHO — Mas, minha filha, tu pensas que em política a gente sobe unicamente por seus belos olhos? Não sou rico, já estou velho, não tenho pai alcaide, se deixar fugir as ocasiões, quando serei ministro?

DONA BÁRBARA — E para que você quer ser ministro, seu Chico?

COELHO — Ora, tens às vezes certas perguntas? Para quê? Para governar, para fazer o que os outros fazem.

DONA BÁRBARA — Você não tem sabido governar a fazenda, e quer governar o Estado!

COELHO — A senhora não entende destas coisas.

DONA BÁRBARA — Ora, diga cá! Suponha que você é nomeado ministro.

COELHO — Sim, senhora.

DONA BÁRBARA — Perde a cadeira na Câmara. Tem de sujeitar-se a uma nova eleição...

COELHO — E o que tem isto?

DONA BÁRBARA — O que tem?! É que se você cair nesta asneira, seu Chico, toma uma derrota, tão certo como eu chamar-me Bárbara Benvinda da Purificação Coelho.

COELHO — Eu, ministro, derrotado?

DONA BÁRBARA — E por que não? Você é melhor do que os outros?

CENA VIII

OS MESMOS, RAUL, BEATRIZ e FILOMENA

RAUL — Senhor desembargador.

COELHO — Senhor doutor.

RAUL — Minha senhora.

FILOMENA — Fiz-lhe esperar muito?

BEATRIZ (*Para Raul.*) — Não sabia que estava também aqui.

COELHO — O conselheiro não está em casa?

FILOMENA — Está no seu gabinete.

DONA BÁRBARA (*Baixo.*) — O que te dizia eu?

FILOMENA — Quer falar-lhe?

COELHO — Se fosse possível...

FILOMENA — Entre.

COELHO — Com licença. (*Sai.*)

CENA IX

RAUL, BEATRIZ, DONA BÁRBARA e FILOMENA

DONA BÁRBARA — Como vão os seus pequenos?

FILOMENA — O Chiquinho vai bem; a Rosinha é que tem passado mal.

BEATRIZ (*A Raul.*) — Por que não tem aparecido?

RAUL — Sabe que o meu desejo era viver sempre a seu lado.

BEATRIZ — Está nas suas mãos.

RAUL — Se fosse possível...

DONA BÁRBARA — Quem sabe se ela não sofre de vermes?

FILOMENA — O próprio médico não sabe o que é. Sente umas coisas que sobem e descem; às vezes fica meio apatetada.

DONA BÁRBARA — Querem ver que é mau olhado!

FILOMENA — Ora, a senhora acredita nessas coisas?!

DONA BÁRBARA — É porque a senhora ainda não viu o que eu presenciei com estes que a terra há de comer.

FILOMENA — Ah! ah! ah! O senhor crê em mau olhado, senhor Raul?

RAUL — Não, minha senhora; apenas no bom olhado de uns olhos feiticeiros. (*Olha para Beatriz significativamente.*)

DONA BÁRBARA — Pois eu vi lá em Minas uma criatura, que estava bem atacada. E em dez minutos ficou boa.

FILOMENA — Com a homeopatia?

DONA BÁRBARA — Com uma oração.

FILOMENA — Ah! E como é esta oração?!

DONA BÁRBARA — A mulher chamava-se Francisca. Molharam um ramo de arruda em água benta e rezaram-lhe o seguinte: “Francisca, se tens mau olhado, ou olhos atravessados, eu te benzo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Deus te olhe e Deus te desolhe, e Deus te tire essa mau olhado, que entre a carne e os ossos, tens criado; que saia do tutano e vá para os ossos, que saia dos ossos e vá para a carne, que saia da carne e vá para a pele, e que daí saia, e vá para o Rio Jordão, onde não faça mal a nenhum cristão.” É infalível. Experimente.

BEATRIZ (*Baixo a Raul.*) — *Quelle bêtise.*

RAUL — Não acredita na influência dos olhos?

BEATRIZ — Sim; mas não creio na eficácia daquelas orações.

RAUL — E sabe ler neles?

BEATRIZ — *Quelque chose.*

RAUL — O que lhe dizem os meus?

BEATRIZ — Que o senhor é um grande bandoleiro.

RAUL — Não, não é isto o que eles dizem.

BEATRIZ — O que dizem então? *Voyons.*

RAUL — Que aqui dentro há um coração que pulsa pela senhora e só para a senhora.

BEATRIZ — *Non lo credo.*

RAUL — Dona Beatriz, se estivesse em condições de fazê-la feliz, hoje mesmo dirigia-me a seu pai, e pedia-lhe o que mais ambiciono neste mundo — a sua mão.

BEATRIZ — E o que lhe falta para tornar-me feliz?

RAUL — Uma posição social.

BEATRIZ — O senhor não é bacharel em Direito?

RAUL — É verdade.

BEATRIZ — *Alors...*

RAUL — Porém, se o ser bacharel em Direito fosse um emprego, haveria muito pouca gente desempregada no Brasil. Seu pai está hoje no governo, poderia lançar as suas vistas sobre mim... Como seríamos felizes um ao lado do outro.

BEATRIZ — Eu vou falar com mamãe. Comunicar-lhe-ei as suas intenções a meu respeito, e dar-lhe-ei a resposta.

RAUL — Advogue bem a minha causa, ou antes a nossa causa.

BEATRIZ — Sim. (*À parte.*) E eu que o julgava desinteressado. Oh! *les hommes!*
Les hommes!

FILOMENA — Por que não veio à nossa última partida, senhor Raul?

BEATRIZ (*Para Raul.*) — Dançamos um *cotillon* que durou quase duas horas.

RAUL — Quem marcava?

BEATRIZ — O ministro da Bélgica. Oh! *que j'aime le cotillon.*

DONA BÁRBARA — O que vem a ser isto de *cotião*?

BEATRIZ — Uma dança arrebatadora.

CENA X

OS MESMOS e COELHO

COELHO (*Zangado.*) — Vamos embora.
FILOMENA — Já?!
DONA BÁRBARA (*Baixo a Coelho.*) — Então; o que arranjaste?
COELHO (*Baixo.*) — O que arranjei?! Nada; mas ele arranjou uma oposição de arrancar couro e cabelo. Hei de mostrar-lhe o que valho. Estão aqui estão na rua.
DONA BÁRBARA (*Baixo.*) — Bem feito.
COELHO (*Baixo.*) — Vamos embora.
FILOMENA (*Para Coelho e Bárbara, que se despedem.*) — Espero que apareçam mais vezes.
COELHO — Obrigado, minha senhora. (*Saem.*)
RAUL — Há de permitir-me também...
FILOMENA — Então até a noite.
RAUL — Até a noite. (*Sai.*)

CENA XI

FILOMENA e BEATRIZ

BEATRIZ — O senhor Raul acaba agora mesmo de pedir-me a mão.
FILOMENA — Agora mesmo?
BEATRIZ — Mas sob uma condição.
FILOMENA — Qual é?
BEATRIZ — De arranjar-lhe com papai um emprego. Veja só a senhora o que são os homens de hoje!
FILOMENA — E que lhe respondeste?
BEATRIZ — Que havia de falar com vosmecê e que dar-lhe-ia depois a resposta.
FILOMENA — Muito bem. Não lhe digas nada, por ora, enquanto não se decidir o negócio do inglês. Tenho mais fé em mr. James. Aquilo é que se pode chamar um bom partido.
BEATRIZ — E ele quererá casar comigo?
FILOMENA — Ora, não quer ele outra coisa.

CENA XII

CRIADO, MINISTRO DA GUERRA, MINISTRO DA JUSTIÇA, MINISTRO DO IMPÉRIO, MINISTRO DE ESTRANGEIROS, FILOMENA e BEATRIZ

CRIADO (*Na porta.*) — Sua excelência o senhor ministro da Guerra.
MINISTRO DA GUERRA — Minhas senhoras. (*Cumprimenta Beatriz.*)
FILOMENA (*Para o criado.*) — Vá chamar seu amo. (*O criado sai pela porta da esquerda.*)
BEATRIZ — Como está sua senhora?
MINISTRO DA GUERRA — Bem, obrigado, minha senhora.
FILOMENA (*Despedindo-se.*) — Com licença. (*Sai com Beatriz.*)

CENA XIII

OS MESMOS e BRITO, *menos* FILOMENA e BEATRIZ

BRITO — Meu caro conselheiro. Os outros colegas ainda não vieram?

MINISTRO DA GUERRA — Aí está o ministro da Justiça.

MINISTRO DA JUSTIÇA — Conselheiro...

MINISTRO DA GUERRA — E do Império. (*Entra o ministro do Império.*)

MINISTRO DA JUSTIÇA — O nosso colega de Estrangeiro aí vem.

BRITO — Ei-lo. (*Entra o ministro de Estrangeiros.*) Meus senhores, precisamos conjurar seriamente as dificuldades que nos cercam.

MINISTRO DA GUERRA — Apoiado.

BRITO — Há quinze dias apenas que subimos ao poder, e já se notam muitos claros nas fileiras da maioria.

MINISTRO DA JUSTIÇA — A oposição se engrossa a olhos vistos.

BRITO — Agora mesmo acaba de sair daqui o desembargador Coelho. É mais um descontente que passa para o outro lado.

MINISTRO DA JUSTIÇA — O Coelho? Ainda ontem, pode-se dizer, aspirava a ser o líder da maioria.

BRITO — É verdade! Porém suspira por uma pasta, e nas circunstâncias atuais não é possível.

CENA XIV

O CRIADO, BRITO, MINISTRO DA GUERRA, MINISTRO DA JUSTIÇA, MINISTRO DO IMPÉRIO, MINISTRO DE ESTRANGEIROS, CONSELHEIRO FELIZARDO e DOUTOR MONTEIRINHO

CRIADO (*À parte.*) — O senhor conselheiro Felizardo.

BRITO — Oh! Senhor conselheiro. (*Cumprimentam-se todos.*) Esperava ansiosamente por Vossa Excelência.

FELIZARDO — Estou às ordens de Vossa Excelência.

BRITO — O seu nome, o prestígio de que goza, a sua dedicação às idéias dominantes, são títulos que muito o habilitam.

FELIZARDO — Bondade de meus correligionários.

MINISTRO DO IMPÉRIO — Pura justiça.

BRITO — Precisamos do apoio de Vossa Excelência, como do ar que respiramos. A pasta da Marinha ainda está vaga...

FELIZARDO — Já estou velho...

BRITO — Não nos animamos a oferecê-la. Longe de nós semelhante pensamento! O lugar de Vossa Excelência é na presidência do Conselho.

FELIZARDO — Se Vossas Excelências permitem, dou um homem por mim.

MINISTRO DO IMPÉRIO — Basta ser de sua confiança...

BRITO — Para ser recebido de braços abertos.

FELIZARDO (*Apresentando o doutor Monteirinho.*) — Aqui está o homem, o doutor Monteiro, meu sobrinho, filho de minha irmã Maria José; e que acaba de chegar da Europa, razão pela qual ainda não tomou assento na Câmara.

BRITO (*Admirado.*) — Senhor doutor, folgo muito de conhecê-lo. (*Baixo a Felizardo.*) Acho-o, porém, tão mocinho.

FELIZARDO — Formou-se o ano passado em São Paulo. (*Baixo.*) Que inteligência, meu amigo!

DR. MONTEIRINHO — Saí apenas dos bancos da academia, é verdade, meus senhores; mas tenho procurado estudar com afincado todas as grandes questões sociais que se agitam atualmente. A minha pena já é conhecida no jornalismo diário e nas revistas científicas. Na polêmica, nas questões literárias, nos debates políticos, nas diversas manifestações, enfim, da atividade intelectual, tenho feito o possível por criar um nome.

FELIZARDO (*Baixo.*) — É muito hábil.

BRITO (*Baixo.*) — É verdade.

FELIZARDO (*Baixo.*) — É um canário.

DR. MONTEIRINHO — Se não fossem as influências mesológicas assaz acahadas, em que vivem nesta terra as inteligências que procuram abrir a corola aos raios ardentes da luz, eu já teria talvez aparecido, a despeito dos meus verdes anos.

BRITO (*Baixo a Felizardo.*) — Que idade tem?

FELIZARDO — Que idade tens, Cazuza?

DR. MONTEIRINHO — Vinte e dois anos.

MINISTRO DA JUSTIÇA — O senhor doutor Monteiro não é...

FELIZARDO — Chame-o doutor Monteirinho. É o nome por que ele é conhecido.

MINISTRO DA JUSTIÇA — O doutor Monteirinho não é o autor da célebre poesia *O grito da escravidão*, que veio publicada no *Correio Paulistano*?

DR. MONTEIRINHO — E que foi transcrita em todos os jornais do Império. Um seu criado. Já cultivei a poesia em tempos que lá vão. Hoje, em vez de tanger a lira clorótica do romantismo ou de dedilhar as cordas, afinadas ao sabor moderno, dos poetas realistas, leio Spencer, Schopenhauer, Büchner, Littré, todos esses grandes vultos, que constituem o apostolado das sociedades modernas.

FELIZARDO (*Baixo, a Brito.*) — Este rapaz vai fazer um figurão no ministério.

BRITO — Creio. Terá, porém, ele a experiência dos negócios públicos?

FELIZARDO — Não lhe dê cuidado. Fica sob as minhas vistas: eu saberei guiá-lo.

DR. MONTEIRINHO — A grande naturalização é uma das questões atuais mais importantes para o Brasil.

BRITO — Podemos contar, portanto, com o apoio decidido de Vossa Excelência.

FELIZARDO — Se até aqui eu quebrava lanças por este ministério...

BRITO — Lá isso é verdade.

FELIZARDO — Imagine agora... (*Olhando para Monteirinho.*) O meu Cazuzinha!

DR. MONTEIRINHO — E a questão das terras? Já leram a *Questão Irlandesa*, de Henry George? É um livro admiravelmente escrito. Um livro do futuro!

BRITO — Senhor doutor Monteirinho, temos a honra de considerar Vossa Excelência no número dos nossos colegas.

DR. MONTEIRINHO — Oh! Senhor conselheiro.

FELIZARDO — Cazuza, faz por seguir o caminho de teu tio. Vou correndo para a casa. Que alegrão vai ter a Maria José. (*Sai.*)

CENA XV

OS MESMOS e JAMES, *menos* FELIZARDO

BRITO — Vamos para o gabinete.

MR. JAMES (*Aparecendo na porta.*) — *Duas horas em ponta.*

BRITO (*À parte.*) — Que maçada. Não me lembrava mais dele. (*James entra. Alto.*) Meus senhores, apresento-lhes mr. James, que requer um privilégio que parece ser de grande utilidade.

DR. MONTEIRINHO — Vejamos.

MR. JAMES (*Desenrolando o papel e mostrando.*) — *Aqui tem, senhoras.*

DR. MONTEIRINHO — O que vem a ser isto?

BRITO — Uma estrada especial para o Corcovado.

MR. JAMES — *Maquinisma estar muito simples. Em vez de duas trilhas, ou de três trilhas, como tem sistema adotada, mim coloca uma só trilha larga, de meu invenção.*

DR. MONTEIRINHO — É bitola estreita?

MR. JAMES — Oh! estreitíssima! É bitola zero.

DR. MONTEIRINHO — E como se sustém o carro?

MR. JAMES — Perfeitamente bem.

DR. MONTEIRINHO — O sistema parece ser fácilimo.

MR. JAMES — *E estar muito econômica, senhorr.*

MINISTRO DA JUSTIÇA — Mas não vejo máquina, vejo apenas cachorros. O que quer dizer isto?

MR. JAMES — *Aí é que está tuda.*

BRITO — Não compreendo. Tenha a bondade de explicar-me.

MR. JAMES — *Idéia estar aqui completamente nova. Mim quer adota sistema cinófero. Quer dizer que trem sobe puxada por cachorras.*

DR. MONTEIRINHO — Não era precisa a explicação. Nós todos sabemos que cinófero vem do grego *cynos*, que quer dizer cão, e *feren*, que significa puxar, etc.

MR. JAMES — *Muito bem, senhorr.*

DR. MONTEIRINHO — Agora o que se quer saber é como é que os cachorros puxam.

MR. JAMES — *Cachorra propriamente no puxa. Roda é oca. Cachorra fica dentro de roda. Ora, cachorra dentro de roda, no pode estar parada. Roda ganha impulsa, quanto mais cachorra mexe, mais o roda caminha!*

DR. MONTEIRINHO — E de quantos cachorros precisa o senhor para o tráfego dos trens diários do Cosme Velho ao Corcovado?

MR. JAMES — *Mim precisa de força de cinqüenta cachorras por trem; mas deve muda cachorra em todas as viagens.*

MINISTRO DA JUSTIÇA — Santo Deus! É preciso uma cachorrada enorme.

MR. JAMES — *Mas eu aproveita todas as cachorras daqui e faz vir ainda muitas cachorras de Inglaterra.*

BRITO — Mas se estes animais forem atacados de hidrofobia não há perigo para os passageiros?

DR. MONTEIRINHO — Eu entendo que não se pode conceder este privilégio, sem se ouvir primeiro a junta de higiene.

MR. JAMES — *Oh! senhorr, não tem a menor periga. Se cachorra estar danada, estar ainda melhor, porque faz mais esforço e trem tem mais velocidade.*

BRITO — Em resumo, qual é a sua pretensão?

MR. JAMES — *Mim quer privilégia para introduzir minha sistema em Brasil, e estabelecer primeira linha em Corcovada, com todas as favores de lei de Brasil para empresa de caminha de ferro.*

BRITO — Mas o cachorro não está ainda classificado como motor na nossa legislação de caminhos de ferro.

DR. MONTEIRINHO — Neste caso deve levar-se a questão ao poder legislativo.

BRITO — Está bem: nós vamos ver e resolveremos como for de justiça.

MR. JAMES — *Em quanto tempa decide este negócia?*

DR. MONTEIRINHO — Vamos resolver.

MINISTRO DO IMPÉRIO — Tenha paciência, espere.

BRITO — Às suas ordens. (*Despede-se, os outros despedem-se de James e saem pela esquerda.*)

CENA XVI

JAMES, só

MR. JAMES — *Tem paciência, espera! Sistema de brasileira. Time is money. Eu fala com mulher, e arranja tuda. (Sai.)*

CENA XVII

BEATRIZ e depois FILIPE

BEATRIZ — Vejamos se aqui posso concluir sossegada a leitura deste romance. (*Lê.*)

FILIPE — Ela?! Oh! Eu atiro-me e confesso tudo. Ora adeus! (*Tropeça em uma cadeira.*)

BEATRIZ (*Revolvendo-se.*) — Quem é?

FILIPE — Filipe Flecha, um criado de Vossa Excelência. Sou repórter.

BEATRIZ — Papai está agora em conselho com os outros ministros.

FILIPE — Como é bela! (*Beatriz continua a ler.*)

BEATRIZ (*À parte.*) — Este estafermo pretenderá ficar aqui. Que *bruta faccia*.

FILIPE — Eu atiro-me-lhe aos pés. Coragem! (*Encaminha-se para Beatriz.*)

BEATRIZ — Quer alguma coisa?

FILIPE (*Tirando uma carteira.*) — O senhor seu pai onde nasceu, minha senhora?

BEATRIZ — No Pará.

FILIPE (*Escrevendo na carteira.*) — Onde formou-se?

BEATRIZ — Em Pernambuco.

FILIPE (*Escrevendo.*) — Que empregos tem exercido? Que condecorações tem?

BEATRIZ — Mas para que o senhor quer saber tudo isto? *Oh! qu'il est drole!*

FILIPE — É que quando ele morrer a notícia para o jornal já está pronta. (*À parte.*)
Oh! que diabo de asneira!

BEATRIZ — O senhor está doido?

FILIPE (*Ajoelhando-se.*) — Sim, doido, minha senhora, doido varrido. Quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*. A senhora comia uma empada... (*Beatriz procura tocar a campainha.*) O que vai fazer?

BEATRIZ — Chamar alguém para pô-lo daqui para fora.

FILIPPE — Pelo amor de Deus, não faça escândalo. *(Levantando-se.)* Eu vou, eu vou, mas creia que ninguém no mundo a idolatra como eu! *(Sai olhando amorosamente para Beatriz.)*

BEATRIZ — Pobre louco! Mas este ao menos não me falou em emprego nem em privilégio! *(Senta-se e continua a leitura.)*

(Cai o pano.)

ATO TERCEIRO

Sala de espera em casa do conselheiro Brito

CENA I

BRITO e FILOMENA

FILOMENA — Podias ter decidido o negócio perfeitamente sem levá-lo às câmaras.

BRITO — Como?

FILOMENA — Como? Colocassem-me na presidência do Conselho, que eu te mostraria.

BRITO — Mas, Filomena, tu não sabes que se tratava de uma espécie completamente nova, que o governo...

FILOMENA — Tanto melhor! Se a espécie era completamente nova, o governo devia resolver por si e não abrir o mal precedente de consultar a Câmara.

BRITO — Olha, queres saber de uma coisa? Eu merecia que me vestissem uma camisola de força, por me haver metido em semelhante entrosga.

FILOMENA — Ora, qual entrosga! O negócio era muito simples. Tratava-se de uma estrada para o Corcovado.

BRITO — Mas de uma estrada especial, com carros movidos por cachorros...

FILOMENA — E o que tem os cachorros?

BRITO — É que levantou-se a dúvida se o cachorro podia ser considerado motor, se a estrada estava nas condições da lei.

FILOMENA — Pois eu presidente do Conselho cortava a dúvida, dizendo: — o cachorro é motor, e concedia o privilégio.

BRITO — Tu não entendes destas coisas.

FILOMENA — E o que se lucrou em consultar a Câmara? Em assanhar a oposição, e formar no seio do parlamento dois partidos, o dos cachorros e o dos que se batem, como leões, contra os cachorros.

BRITO — E que partidos!

FILOMENA — E lá se vai o privilégio, falta à palavra que dei ao inglês, e o casamento da menina, víspora!

BRITO — Mas o que queres que faça?

FILOMENA — Que envides todos os esforços para que o projeto passe! Hoje é a última discussão.

BRITO — E o último dia talvez do ministério.
FILOMENA — Quais são os deputados que votam contra?
BRITO — Uma infinidade.
FILOMENA — O Elói é cachorro?
BRITO — Sim, senhora.
FILOMENA — O Azambuja?
BRITO — Cachorro.
FILOMENA — O Pereira da Rocha?
BRITO — Este é de fila.
FILOMENA — O Vicente Coelho?
BRITO — Era cachorro; mas passou anteontem para o outro lado.
FILOMENA — E o Barbosa?
BRITO — Está assim, assim. Talvez passe hoje para cachorro.
FILOMENA — Ah! Que se as mulheres tivessem direitos políticos e pudessem representar o país...
BRITO — O que fazias?
FILOMENA — O privilégio havia de passar, custasse o que custasse. Eu é que devia estar no teu lugar, e tu no meu. És um mingau, não nasceste para a luta.
BRITO — Mas com a breca! Queres que faça questão de gabinete?
FILOMENA — Quero que faças tudo, contanto que o privilégio seja concedido.
BRITO (*Resoluto.*) — Pois bem; farei questão de gabinete, e assim fico livre mais depressa desta maldita túnica de Nessus.

CENA II

OS MESMOS *e o* DOUTOR MONTEIRINHO

DR. MONTEIRINHO (*Cumprimentando Filomena.*) — Minha senhora. (*Para Brito.*) Vamos para a Câmara, conselheiro. É hoje a grande batalha.
BRITO — Estou às suas ordens.
DR. MONTEIRINHO — Havemos de vencer, custe o que custar.
FILOMENA — Doutor Monteirinho, empregue todo o fogo de sua palavra.
DR. MONTEIRINHO — Fique descansada, minha senhora. Levo o meu discurso na ponta da língua. Hei de tratar a parte técnica, sobretudo, com o maior cuidado. Na discussão deste projeto ou conquisto os foros de estadista, ou caio para nunca mais erguer a frente.
FILOMENA — Bravo! Bravo!
BRITO — Vamos, conselheiro, são horas.
FILOMENA (*Para Brito.*) — Vai. Que Deus te inspire. (*Saem Monteiro e Brito.*)

CENA III

FILOMENA *e* BEATRIZ

FILOMENA — Que boa madrugada! Onze horas!
BEATRIZ (*Beijando Filomena.*) — Não posso acordar-me cedo, por mais esforços que faça. Vosmecê não sai hoje?

FILOMENA — Não. Estou muito nervosa.

BEATRIZ — É mais uma razão para sair.

FILOMENA — Se cai o projeto e com ele o ministério...

BEATRIZ — Estamos arranjadas.

FILOMENA — Lá se vai o inglês.

BEATRIZ — E o Sr. Raul também. (*À parte.*) Se ao menos aquele pobre doido que ofereceu-me o coração... (*Alto.*) Ora, será o que Deus quiser. (*Mirando-se ao espelho, canta.*)

La donna é mobile
Qual piuma al vento.
Muta d'accento
E di pensiero.

O pacote francês deve chegar hoje?

FILOMENA — Creio que sim.

BEATRIZ — Estou ansiosa por ver os vestidos de verão que encomendamos.

CENA IV

BEATRIZ, FILOMENA e CRIADO

CRIADO (*Com uma gaiola com papagaio.*) — Veio da parte do senhor Tinoco, com esta carta. (*Entrega a carta a Filomena.*)

FILOMENA (*Depois de ler a carta.*) — Estes pretendentes entendem que devem encher-me a casa de bichos. Leva para dentro. (*O criado sai.*)

BEATRIZ — E coisa célebre, pelos presentes pode-se conhecer a que província ou a que lugar pertencem os pretendentes. Os do Ceará mandam corruptions; os do Pará redes, paus de guaraná e macacos de cheiro; os de Pernambuco, cajuos secos e abacaxis; os de São Paulo, formigas vestidas, figos em calda...

FILOMENA — E arapongas. Se o pretendente é do Maranhão, a mulher do ministro não passa sem lenço de labirinto.

BEATRIZ — E se é da Bahia, lá vêm as quartinhas, o azeite de cheiro e os sagüis.

FILOMENA — Os do Rio Grande do Sul exprimem a gratidão com línguas salgadas e origones.

BEATRIZ — E os de Minas com queijos e rolos de fumo. Mas, coitados! Muito sofrem! Só a lida em que eles vivem — Venha hoje, venha amanhã, espere um pouco, agora não é possível!

FILOMENA — É para admirar que a esta hora já não esteja a sala cheia deles.

BEATRIZ — É verdade.

CENA V

FILOMENA, BEATRIZ e DONA BÁRBARA

DONA BÁRBARA — Desculpe-me se fui entrando sem anúncio prévio.

FILOMENA — A senhora dona Bárbara é sempre recebida com prazer a qualquer hora.

DONA BÁRBARA — E é por saber disto que vim vê-la, apesar do que se tem passado.

FILOMENA — Creio que entre nós nada se tem passado que possa porventura interromper, sequer de leve, as nossas relações amistosas.

DONA BÁRBARA — Quero dizer do que se tem passado entre os nossos maridos.

FILOMENA — Também não sei o que possa ter havido entre eles. Pertencem ao mesmo credo político, ainda ontem para bem dizer, eram amigos...

DONA BÁRBARA (*À parte.*) — Se não digo na bochecha desta emproada tudo quanto sinto, estouro. (*Alto.*) Eram amigos, é verdade, porém... meu marido tem razões especiais... Ele está na Câmara cumprindo o seu dever.

FILOMENA — Faz muito bem.

DONA BÁRBARA — Não é hoje que se discute um célebre privilégio de uma estrada para o Corcovado?

FILOMENA — Creio que sim.

DONA BÁRBARA — Não sabia; passando por acaso pela Rua do Ouvidor...

BEATRIZ — Como é fingida esta *vecchia strega!*

DONA BÁRBARA — Ouvi os garotos apregoarem a *Gazeta da Tarde*, traz a notícia da grande patota dos cachorros! E por entre os grupos dos indivíduos que conversavam no ponto dos bondes, pude distinguir estas frases, cujo sentido não compreendi bem: arranjos de família, ministro patoteiro, casamento da filha com inglês.

FILOMENA — É verdade, minha senhora; mas o que não sabe é que por entre aqueles grupos estava a mulher despeitada de um ministro gorado e que era esta a que mais gritava.

DONA BÁRBARA — Um ministro gorado?!

BEATRIZ — Sim. *Un ministre manqué.*

DONA BÁRBARA (*Para Beatriz.*) — Minha senhora, tenha a bondade de falar em português, se quer que a entenda.

FILOMENA — Eu falarei português claro. O ministro gorado é...

BEATRIZ — Seu marido... *voilà tout.*

FILOMENA — E a mulher despeitada...

DONA BÁRBARA — Sou eu?!

BEATRIZ — *Sans doute.*

DONA BÁRBARA (*À parte.*) Eu arreento. (*Alto.*) Pois já que as senhoras são tão positivas dir-lhes-ei que meu marido nunca teve a idéia de fazer parte de semelhante ministério. Ele é um homem de muito bom senso e sobretudo de muita probidade.

FILOMENA — Observo à senhora que estou em minha casa.

BEATRIZ (*À parte.*) — *C'est incroyable! Dreadful.*

DONA BÁRBARA — Foi a senhora a primeira que esqueceu esta circunstância.

FILOMENA — Não me obrigue...

DONA BÁRBARA — Eu retiro-me para nunca mais pôr os pés aqui.

FILOMENA — Estimo muito.

DONA BÁRBARA — E fique sabendo que o Chico...

FILOMENA (*Com dignidade.*) — Minha senhora. (*Cumprimenta e sai.*)

BEATRIZ — *Au revoir. (Sai.)*

DONA BÁRBARA — Emproada, sirigaita, patoteira! Hei de tomar uma desforra.
(*Sai zangada.*)

CENA VI

PEREIRA, INÁCIO, ARRUDA, RIBEIRO, AZAMBUJA, *mais pessoas e o CRIADO*

CRIADO — Sua Excelência não está. Os senhores que quiserem esperar podem ficar nesta sala.

PEREIRA — O homem está em casa.

INÁCIO — Eu cá hei de falar-lhe hoje, por força, haja o que houver.

ARRUDA — E eu também. Só se ele não passar por aqui.

RIBEIRO — O que é bem possível, porque a casa tem saída para outra rua.

AZAMBUJA — Há quatro meses que ando neste inferno.

RIBEIRO — Console-se comigo, que ando pretendendo um lugar há cinco anos, e ainda não mo deram.

ARRUDA — Há cinco anos?!

RIBEIRO — Sim, senhor.

AZAMBUJA — E tem esperanças de obtê-lo?

RIBEIRO — Olé! Já atravessei seis ministérios. Venho aqui duas vezes por dia.

INÁCIO — E eu que vim dos confins do Amazonas; e aqui estou há seis meses a fazer despesas, hospedado na casa do Eiras, com uma numerosa família, composta de mulher, seis filhos, duas cunhadas, três escravas, quatorze canastras, um papagaio e um corrupção!

CENA VII

OS MESMOS *e ERNESTO*

ERNESTO — Meus senhores.

PEREIRA — Oh! Senhor Ernesto.

ERNESTO — Como está, senhor Pereira?

PEREIRA — O seu negócio? Ainda nada?

ERNESTO — Qual! Trago agora aqui uma carta... Vamos ver se com esta arranjo o que quero. É de um deputado mineiro governista.

PEREIRA — É bom empenho?

ERNESTO — Quem me arranjou foi um negociante da Rua dos Beneditinos, em cuja casa acha-se hospedado o tal deputado.

RIBEIRO — Meu amigo, vá à fonte limpa, procure um deputado da oposição e digo-lhe desde já que está servido.

ERNESTO — Muito se sofre!

AZAMBUJA — É verdade.

CENA VIII

OS MESMOS *e FILIPE*

FILIFE — Adeus, senhor Ernesto.

ERNESTO — Adeus, Filife.

FILIFE — Ainda perde seu tempo em vir por aqui?

ERNESTO — Por quê?

FILIFE — Porque o ministério está morto!

PEREIRA — Caiu?!

FILIFE — A esta hora já deve ter caído. A Rua do Ouvidor está assim. (*Fechando a mão.*) Não se pode entrar na Câmara. Há gente nas galerias como terra.

ERNESTO — O partido dos cachorros está bravo?

FILIFE — Os cachorros?! Estão danados! A tal estrada não passa, não, mas é o mesmo. O doutor Monteirinho levantou-se para falar...

ERNESTO — Ah! Ele falou hoje?

FILIFE — Qual! Não pôde dizer uma palavra. Rompeu uma vaia das galerias, mas uma vaia de tal ordem, que foi preciso entrar a força armada na Câmara.

PEREIRA — Lá se vai o meu lugar da Alfândega.

AZAMBUJA — E o meu.

RIBEIRO — E o meu.

FILIFE (*Levando Ernesto para um lado.*) — Ainda não a vi hoje.

ERNESTO — Mas é verdade tudo isto?

FILIFE — Como é bela!

ERNESTO — Com os diabos! que transtorno!

FILIFE — Quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*...

ERNESTO — Comia uma empada, comia uma empada...

FILIFE — É isso mesmo.

ERNESTO — Irra! Não me amoles.

PEREIRA (*Para Ernesto.*) — O senhor quer saber onde está a minha esperança?

ERNESTO — Onde?

PEREIRA (*Tirando um bilhete de loteria do bolso.*) — Aqui neste bilhete do Ipiranga.

FILIFE — Eu também tenho um. (*Vendo na carteira.*) Querem ver que o perdi! Não, cá está. A esta hora já deve ter andado a roda. Com a breca, nem me lembrava! (*Olhando para dentro.*) Se pudesse ao menos ver-lhe a pontinha do nariz.

PEREIRA — Vou ver o que tirei. (*Sai.*)

FILIFE — E eu também. Mas qual! Sou de um caiporismo horrendo. Adeus, senhor Ernesto. (*Olhando para todos os lados.*) Onde estará ela?! (*Sai.*)

CENA IX

OS MESMOS, *menos* PEREIRA e FILIFE e DOUTOR RAUL

ERNESTO — Esta notícia veio transtornar-me os planos.

AZAMBUJA — Talvez seja mentira.

ERNESTO — As más novas são sempre verdadeiras.

RAUL — Ora, vivam, meus senhores!

ERNESTO — Doutor Raul, o que há acerca do ministério?

RAUL — Dizem que está em crise.

ERNESTO — Mas há esperanças?

RAUL — Hum!... Não sei. Vejo as coisas muito embrulhadas.

CENA X

OS MESMOS e MISTER JAMES

RAUL — Oh! Mr. James! Fazia-o pela Câmara.

MR. JAMES — *Mim só sai de casa hoje pra vem aqui...*

RAUL — Os negócios estão feios.

MR. JAMES — *Oh! Yes, muito feias.*

RIBEIRO (*A Ernesto.*) — Este é o tal inglês da patota de que os jornais falam hoje?

ERNESTO — É o bicho.

MR. JAMES — *Você quer sabe de uma cousa. Mim estar muito stupide.*

RAUL — Por quê?

MR. JAMES — *Eu já deve saber que este ministéria não pode dura muito tempo, e mim cai na asneira de faz negócia com ele.*

RAUL — Mas em que se fundava para saber disto?

MR. JAMES — *Ora escuta vosmincê, presidenta de Conselho onde estar nascida?*

RAUL — No Pará.

MR. JAMES — *Ministra de Império?*

RAUL — Em São Paulo.

MR. JAMES — *Ministra de Justiça?*

RAUL — Creio que é de Piauí.

MR. JAMES — *No senhor; de Paraíba.*

RAUL — Ou isso.

MR. JAMES — *Ministra de Marinha estar de Alagoas, ministra de Estrangeiros..*

RAUL — Este é do Paraná.

MR. JAMES — *Yes. Ministra de Guerra estar de Maranhão, de Fazenda, Rio de Janeiro.*

RAUL — Mas o que tem isto?

MR. JAMES — *Não tem uma só ministra de Bahia. E ministéria sem baiana — estar defunta logo, senhor.*

RAUL — Tem razão.

MR. JAMES — *Baiana estar gente muito poderosa. Não se pode esquece dela.*

RAUL — O ministério estava fraco, lá isso é verdade.

MR. JAMES — *E tem inda mais; ministra da Marinha...*

RAUL — O doutor Monteirinho?

MR. JAMES — *Yes. Ministra da Marinha estar muito pequenina.*

RAUL — Muito moço é que o senhor quer dizer?

MR. JAMES — *All right. No pode ser estadista e governa país logo que sai de escola. É preciso aprende primeiro, aprende muito, senhor. Todo mundo estar caçoanda, e chama ministra de Cazuzinhe. O senhor sabe dizer o que é Cazuzinhe?*

RAUL — É um nome de família.

MR. JAMES — *How? Mas família fica em casa, e no tem nada com ministéria. Vosmecês aqui têm costume de chama homem de estado de Juquinha, Lulu, Fernandinha. Governar estar muito sem-cerimônia.*

CENA XI

OS MESMOS, BEATRIZ e FILOMENA

MR. JAMES — *Como está, senhorra?*

RAUL — Minhas senhoras.

FILOMENA — Veio da Câmara?

MR. JAMES — *No senhorra.*

FILOMENA — Pois não foi lá? No dia em que se deve decidir o seu negócio...

BEATRIZ (*A Raul.*) — Mamãe ainda não teve tempo de falar com papai acerca da sua pretensão.

MR. JAMES — *Meu negócios estar perdida.*

FILOMENA — Tenho fé que não.

MR. JAMES — *Oh! Yes.*

CENA XII

OS MESMOS e FELIZARDO

FELIZARDO (*Entrando apressado.*) — Caiu o ministério!

FILOMENA — Caiu! Ai! Falta-me a luz! (*Cai desmaiada em uma cadeira.*)

BEATRIZ (*Correndo.*) — Mamãe.

RAUL — Dona Filomena!

MR. JAMES (*Para todos.*) — *Ó no incomoda! Vai passa já.*

ERNESTO — Ora sebo! (*Sai.*)

INÁCIO — Ora bolas. (*Sai.*)

ARRUDA — Ora pílulas. (*Sai.*)

RIBEIRO — Ora, com os diabos. (*Sai.*)

AZAMBUJA — Ora... (*Sai.*)

MR. JAMES (*Vendo Filomena levantar-se.*) — *Estar pronta, já passou.*

FELIZARDO — E o pobre do Cazuzinha que tinha tanta coisa que fazer! Também lhes digo, que se ele consegue falar, a despeito das vaias da galeria, o ministério tinha vida por cinco anos, pelo menos.

RAUL — Deveras?

FELIZARDO — É um rapaz muito hábil. O senhor não imagina que discurso tinha ele preparado. Ontem recitou-mo todo. Sabia-o na ponta da língua.

RAUL — Foi uma pena! (*A parte.*) E lá se foi o meu emprego, que é o que mais sinto.

FELIZARDO — Como não vai ficar a Maria José quando souber da notícia!

RAUL (*A Beatriz.*) — Minha senhora; creio estar desligado dos compromissos que contraí para com Vossa Excelência.

BEATRIZ — Eu já o sabia; não era preciso mo dizer. O que o senhor doutor queria era uma posição social e não a minha mão!

RAUL (*A parte.*) — Façamos cara de não ter compreendido.

CENA XIII

FELIZARDO, RAUL, BEATRIZ, FILOMENA, MISTER JAMES, BRITO e DOUTOR MONTEIRINHO

BRITO (*Abraçando Filomena.*) — Minha Filomena, tenho necessidade de abraçar-te. Vem cá, Beatriz, abraça-me também. (*Beatriz abraça.*) Foram vocês que me perderam; mas como isto é bom.

MR. JAMES — *Mim sente muito derrota de Vossa Excelência; agradece tudo que faz pela minha privilégia e pede desde já a Vossa Excelência um apresentação para nova ministéria que tem de subir.*

FELIZARDO (*Que deve estar abraçado com Monteirinho.*) — Ah! Cazuza! Não há gosto perfeito neste mundo!

DR. MONTEIRINHO — E mamãe, que não teve a ventura de me ver de fardão!

FELIZARDO — Mas há de tê-la muito breve; eu te prometo.

CENA XIV

OS MESMOS e CRIADO

CRIADO — Trouxeram estes jornais e esta carta. (*Sai.*)

BRITO — O que será? (*Vendo o sobrescrito da carta, para Filomena.*) É para ti.

FILOMENA (*Abrindo a carta e lendo.*) — “Minha senhora, tenho a honra de enviar a Vossa Excelência o último número da *Espada de Dâmocles*, que acaba de sair agora mesmo e de chamar a atenção de Vossa Excelência para a notícia, publicada sob o título *A última hora*. Sua veneradora e criada, Bárbara Coelho.” (*Fecha a carta.*) Que infame!

BRITO — Lê. (*Filomena quer rasgar o jornal.*) Lê, eu terei a coragem de ouvir.

FILOMENA (*Lendo.*) — “Caiu finalmente o ministério das patotas. Parabéns aos nossos concidadãos, estamos livres do homem que mais tem sugado os cofres públicos em proveito dos seus afilhados.”

BRITO — Saio do ministério mais pobre do que entrei, porque estou crivado de dívidas, e com a pecha de ladrão!

FILOMENA — E o que pretendes fazer?

BRITO — Nada: neste país, infelizmente, esta é a sorte de quase todos que descem do poder.

CENA XV

FILOMENA, RAUL, DOUTOR MONTEIRINHO, BEATRIZ, MISTER JAMES, FELIZARDO, BRITO e FILIPE

MR. JAMES (*A Filipe que entra às carreiras, ofegante, e cai-lhe desmaiado nos braços.*) — *How! Tudo estar desmaia nesta casa!*

FILOMENA — Vão ver depressa vinagre. (*Raul corre para dentro.*)

BEATRIZ — Como ele está pálido! Vou buscar água de Colônia. (*Corre para dentro.*)

MR. JAMES — *Oh! nó, nó, é melhor traz cognac.*

DR. MONTEIRINHO — Vou buscá-lo. (*Sai correndo.*)

BRITO (*Batendo-lhe nas mãos.*) — Senhor, senhor! É o pobre do repórter!

BEATRIZ — Aqui está. (*Põe água de Colônia no lenço e chega-lhe ao nariz. Filipe abre os olhos.*) *Çà y est! Il est gueri!*

FILIFE — Onde estou? Ah! (*Sai dos braços de Mister James.*)

DR. MONTEIRINHO — Cá está o conhaque. Já não é preciso?

BRITO — O que tem?

FILIFE (*Não podendo falar.*) — Comprei este bilhete. (*Mostra-o, tirando-o do bolso.*) Vou ver a lista...

MR. JAMES — *Branca.*

FILIFE — E tirei duzentos contos!

FILOMENA — Duzentos contos!

BEATRIZ — *Ah! Bah!*

FILIFE (*Ajoelhando-se aos pés de Beatriz.*) — Minha senhora, eu adoro-a, idolatro-a. Quando a vi pela primeira vez foi no *Castelões*, a senhora comia uma empada. Quer aceitar a minha mão?

BEATRIZ — *De tout mon coeur.*

MR. JAMES — *All right! Boa negócia.*

(*Cai o pano*)